

PESQUISAR COM AS CRIANÇAS: SIGNIFICAÇÕES E PERSPECTIVAS

Dr. Manfredo Carlos Wachs¹

Ma. Mara Marisa da Silva²

Ma. Raquel Dilly Konrath³

RESUMO: O presente artigo visa partilhar a travessia metodológica vivenciada na realização de um estudo com crianças, conduzido por um grupo de pesquisadores. A pesquisa tem por intuito compreender as manifestações do protagonismo infantil experienciadas no cotidiano da educação infantil. O grupo de pesquisa, iniciado em setembro de 2015, é constituído por quatro pesquisadores, cada um com trajetórias docentes singulares, as quais imprimem a diversidade e a pluralidade necessária nos modos de olhar, sentir e compreender o fenômeno investigado. O estudo em curso tem como contexto investigativo uma escola localizada em um município na região da Encosta da Serra/RS, sendo os sujeitos, um grupo de 20 crianças com idade entre 4 e 5 anos. A pesquisa, de caráter qualitativo, tem na etnografia e fenomenologia as bases metodológicas para a condução da mesma. As técnicas para coleta de dados e os respectivos porquês de suas escolhas serão problematizados neste texto, bem como as experiências vivenciadas pelos pesquisadores na realização de uma pesquisa que valoriza, considera e respeita as manifestações das crianças e que vem contribuindo nos processos de significações e perspectivas na pesquisa com crianças.

Palavras-chave: protagonismos infantil, BNCC, etnografia, fenomenologia, educação infantil

ABSTRACT: This article aims to share the methodological crossing experienced in a study with children, led by a group of researchers. The study is meant to understand the manifestations of children's protagonism experienced in the daily life of early childhood education. The research group, which started in September 2015, consists of four researchers, each with unique teaching trajectories, which print the diversity and the necessary plurality in the ways of viewing, feeling and understanding the phenomenon which is investigated. The ongoing study was conducted in a school located in a city in the Encosta da Serra region in RS. The subjects were a group of 20 children, from 4 to 5 years. The qualitative research has ethnography and phenomenology as the methodological basis. The techniques for data collection and the reasons they were chosen will be dealt in this text, as well as the researchers' experiences in conducting a research that values, considers and respects the manifestations of children and that has been contributing in the processes of meanings and perspectives in the research with children.

Keywords: children's protagonism, BNCC, ethnography, phenomenology, early childhood education

1 INTRODUÇÃO

¹ Dr. Manfredo Carlos Wachs, professor e diretor do Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI, coordenador do Grupo de Pesquisa, manfredo.wachs@ieduc.org.br

² Ma. Mara Marisa da Silva, professora de educação infantil da rede municipal de Ivoti, assessora de cursos e palestras do Instituto Superior de Educação Ivoti – ISEI, membro do Grupo de Pesquisa,

³ Ma. Raquel Dilly Konrath, professora do ISEI, professora e coordenadora do curso Normal, nível Médio, do Instituto de Educação Ivoti – IEI, doutoranda da Feevale, membro do Grupo de Pesquisa, raquel.konrath@ieduc.org.br

*“No aeroporto o menino perguntou:
- E se o avião tropical num passarinho?
O pai ficou torto e não respondeu.
O menino perguntou de novo:
- E se o avião tropical num passarinho triste?
A mãe teve ternuras e pensou:
Será que os absurdos não são as maiores virtudes da poesia?
Será que os despropósitos não são mais carregados de poesia do que o bom senso?
Ao sair do sufoco o pai refletiu:
Com certeza, a liberdade e a poesia a gente aprende com as crianças.
E ficou sendo”.*
Manoel de Barros (2013)

O poeta-menino Manoel de Barros ousou ao destacar em seus versos a potência infantil capaz de sensibilizar, indagar, fazer pensar e ensinar. Capaz também de balançar as estruturas rígidas e consolidadas de um mundo adultocêntrico, convidando o próprio adulto a permitir-se espantar, questionar e inquietar-se diante das certezas construídas histórica e culturalmente. Na educação, é ainda recente a percepção da criança enquanto sujeito social ativo, potente e competente, dotado de múltiplas linguagens e condições peculiares de ser, perceber e estar no mundo. Inspirados por esta concepção, quatro pesquisadores firmaram o compromisso com uma investigação que visa estudar, através da pesquisa etnográfica e contribuições da pesquisa fenomenológica, as manifestações do protagonismo infantil experienciadas no cotidiano da educação infantil, na qual se pretende compreender os processos, os limites e as intencionalidades da ação educativa manifestada tanto por parte das crianças quanto por parte de docentes, que promovam a significação do protagonismo infantil.

No processo de composição e constituição do grupo de pesquisa, logo nos encontros iniciais de trabalho, os pesquisadores manifestaram as inquietações intrapessoais relacionadas às experiências educativas observadas nos espaços coletivos de atendimento à infância, seja pela atuação docente direta com as crianças em escolas de educação infantil, como também pela atuação enquanto palestrantes e formadores de educadores que já atuam ou atuarão na educação infantil. Neste sentido, vale salientar que a presente pesquisa possui relevância social e educacional, pois os pesquisadores estão comprometidos com o espaço temático investigado, visto terem uma relação de proximidade com o campo de trabalho. Além disso, as trajetórias pessoais e profissionais distintas e singulares configuram-se em possibilidades de manifestações diversas e plurais na percepção, análise e compreensão do fenômeno estudado. Serão diferentes olhares, perspectivas e potencialidades na significação do fenômeno e do próprio modo de se fazer pesquisa com crianças, ampliando as oportunidades de caminhos metodológicos. Acreditamos ser importante ressaltar um aspecto que se revelou unânime no grupo enquanto princípio metodológico: considerar a voz da criança sobre a perspectiva

pesquisada. Como princípio de pesquisa, o grupo assumiu o propósito de observar o mesmo espaço e os mesmos sujeitos do objeto de pesquisa. Partimos da convicção que distintos olhares observam distintos fenômenos, pois cada pesquisador e pesquisadora, por mais que procura ser e estar isento e agir com neutralidade, carrega junto de si sua trajetória de vida pessoal e profissional, assim como suas significações. O espaço-tempo de encontro dos pesquisadores é fundamental para a partilhar dos olhares e das significações.

Partindo de um dos exercícios próprios das crianças, enquanto sujeitos perguntadores, nos mostramos dispostos a experimentar essa potente dinâmica de nos indagar sobre os porquês envolvidos nas escolhas metodológicas da pesquisa em curso, visando sua legitimidade, bem como o respeito e a fidelidade nos relatos daquilo que se vem desvelando sobre o fenômeno através das manifestações das crianças, no seu jeito peculiar de ser, estar e se revelar ao mundo. Enquanto pesquisadores perguntadores, cultivamos inquietações quanto aos modos de imprimir em nosso estudo a sensibilidades, espontaneidades e autenticidades reveladas pelas crianças nas experiências vivenciadas e significadas nas suas relações cotidianas. É pela valorização e pelo respeito que temos por aquilo que as crianças são e fazem de si mesmas nos seus processos de constituição de subjetividades e significação de si, do outro e do mundo que buscamos narrar nossos passos na travessia investigativa que estamos vivendo. Neste texto, especificamente, partilharemos essa travessia, os porquês envolvidos nas escolhas metodológicas, bem como as experiências vivenciadas pelos pesquisadores na realização de uma pesquisa que valoriza, considera e respeita as manifestações das crianças, e que vem contribuindo nos processos de significações e perspectivas na pesquisa com crianças.

O objetivo de nossa pesquisa, que visa estudar as manifestações do protagonismo infantil experienciadas no cotidiano da educação infantil, pretende compreender os processos, os limites e as intencionalidades da ação educativa manifestada tanto por parte das crianças quanto por parte de docentes, que promovam a significação do protagonismo infantil.

2 A ESCOLHA DO TEMA: Por que o protagonismo infantil?

A criança não sabe senão viver a sua infância. Conhecê-la pertence ao adulto. Mas o que vai prevalecer neste conhecimento: o ponto de vista do adulto ou da criança? (WALLON, 1989, p. 9)

Observar as crianças, ouvi-las a partir de seus pontos de vista, dando-lhes voz e vez para se manifestarem através de diferentes linguagens, são práticas já estabelecidas e recomendadas em muitos documentos e referenciais novos de diretrizes nacionais. Podemos constatar e

destacar tais práticas nos dois últimos documentos legais nacionais: as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010) e o Texto preliminar⁴ da BNCC (2016).

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010, p. 12) apresentam a criança como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Ao considerar a criança como sujeito histórico e de direitos, que constrói sua identidade pessoal e social nas relações e práticas cotidianas que vivencia e estabelece com o meio, as Diretrizes reconhecem a criança como participante ativa da construção de sua própria realidade cultural e social, ou seja, que ela não apenas reproduz cultura, mas que ela também produz, reinventa e recria através de representações interpretativas. Enquanto sujeitos pesquisadores, assumimos como princípio a observação não participante, tanto em relação às manifestações das crianças quanto dos professores e da equipe diretiva, pois desejamos compreender as manifestações espontâneas das crianças, verificando como elas interagem entre si e como produzem as suas próprias culturas.

O Texto da BNCC/2016 também confirma essa mesma visão sobre a criança e as suas manifestações, apresentando em sua segunda versão grande articulação com as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010), legitimando, aprofundando o documento já existente. O novo documento também defende o seu compromisso com a criança, como sujeito de direitos, garantindo-lhe, portanto, seis direitos de aprendizagem: Conviver, Brincar, Explorar, Participar, Comunicar e Conhecer-se. A BNCC, desta forma, atualiza mais uma vez o discurso das Diretrizes Curriculares Nacionais da EI, concebendo a criança como sujeito histórico de direitos, de forma ativa, propositiva e participativa, que também constrói e produz cultura.

Este novo documento ainda sai do convencional e organiza as experiências, que devem ser promovidas pelos educadores e vivenciadas pelas crianças, a partir de diferentes campos (Eu, o outro e nós, Grupos, gestões e movimentos, Escuta, fala, ensinamento, imaginação, Traços, sons, cores e imagens e espaços, tempos, Quantidades e relações e transformações), enfatizando a participação, a experimentação e a exploração ativa da criança. Configura-se nesta nova organização a ideia de uma criança protagonista, autônoma, curiosa e pesquisadora.

⁴ No momento da apresentação deste trabalho no Congresso e sua publicação, a BNCC estava sendo discutida e ainda não tinha sido aprovada e publicada oficialmente.

Esta nova visão e compreensão de criança nos faz romper com a padronização, a universalização e a naturalização de alguns conceitos e ideias de ser criança e viver a infância, o que também implica num/a outra forma de se ver e ser educador/a na Educação Infantil. Isto significa que, nesta perspectiva, também se compreende o/a educador/a mais ativo e criativo, capaz de desafiar e despertar a curiosidade da criança, tirando o seu foco nos conteúdos e nas atividades para dar espaço às experiências das próprias crianças, através da exploração, imaginação e criação. Esta compreensão se evidencia, pois o documento não se configura numa prescrição ou apresentação de orientações educativas específicas para cada faixa etária, mas nos dá a possibilidade de uma visão ampliada de Educação Infantil, tanto no que se refere à implementação da proposta, quanto à operacionalização do trabalho, estimulando e oportunizando a autonomia e autoria das Instituições de Educação Infantil.

A partir desta nova compreensão que se tem da criança, mais autônoma, protagonista, ativa e curiosa, faz-se necessário metodologias adequadas para investigar com as crianças, definindo e redefinindo, ao longo da trajetória, instrumentos que possam auxiliar na escuta e no olhar atento sobre as suas vozes, suas manifestações e seus pontos de vista, pois a participação das crianças nos traz novos desafios e diferentes possibilidades, uma vez que:

[...] oportunizar a participação das crianças nas pesquisas é algo viável, e que requer um trabalho de nós adultos pesquisadores sobre nossas certezas e convicções. Isso também exige algumas rupturas com os atrofamentos da fantasia, da afetividade e da sensibilidade. (DELGADO, 2007, p. 124).

Pesquisar com as crianças pede um gesto de interrupção, parar para pensar, olhar, escutar, sentir mais devagar porque a beleza do ato investigativo está em prestar atenção nos detalhes, naquilo que “salta aos olhos” e nos faz ser diferente do que éramos antes. Suspender os juízos, o automatismo da ação para falar sobre o que nos acontece, para interrogar-se, para dar tempo a descoberta, é o que as crianças nos ensinam quando tomam algo como objeto de investigação.

Ao fazer isso, estamos diante do olhar enigmático de uma criança e descobriremos que não sabemos tudo sobre esses meninos e meninas. Dar-se conta disso, pede uma mudança de paradigma que implica em não fazer antecipações desnecessárias, respeitando os ritmos e cadências de cada criança, nas palavras de Hoyuelos:

[...] significa esperá-las onde se encontram em sua forma de aprender. Existe um verbo em castelhano [e em português também], talvez já em desuso [para nós também], que define bem este assunto: aguardar. Aguardar significa esperar com esperança alguém, dar tempo ou esperar alguém enquanto observa o que faz, com respeito, apreço ou estima. (HOYUELOS, 2007, p.13; apud FOCHI, 2015, p.78)

Observar o que fazem as crianças e aguardá-las não pode ser lido como um não fazer docente, ao contrário, convoca o professor a estar consciente do lugar que ocupa no acompanhamento da forma como as crianças investem em suas atuações, a fim de retroalimentar o projeto que cada uma ou grupo esteja empreendendo. Paulo Fochi (2015, p. 139) indica que o termo retroalimentar não é fazer por ou indicar caminho, é ofertar condições para que as crianças sejam protagonistas de seus empreendimentos.

Eis o nosso novo desafio e, conseqüentemente, a nossa oportunidade para construirmos e vivenciarmos junto às crianças novas possibilidades de se pensar, promover e viver a Educação Infantil nas instituições educativas.

Numa primeira dimensão intuitiva e de aproximação espontânea e ocasional, percebemos que não há plena clareza o que se entende, no contexto escolar, por protagonismo infantil. Há narrativas de educadores que identificam o protagonismo como as atividades livres no pátio. Acreditamos que não se restringe a este espaço-tempo de aprendizagem. Por isto, nos propomos a experimentar o cotidiano e detectar a existência do protagonismo infantil.

Como postura de pesquisador, na perspectiva etnográfica e fenomenológica, queremos aprender a deixar “evocar”, emergir as manifestações do protagonismo infantil. Neste sentido, estamos adotando uma postura de observador não participante.

3 AS ESCOLHAS METODOLÓGICAS: os porquês dos métodos e das respectivas técnicas

Sustenta-se a necessidade de se rever as posturas das investigações sobre as crianças como atores, propondo-se um olhar que as considere como sujeitos empíricos, com voz, vez e expressões próprias. Por esse enfoque, é possível ver as crianças a partir de suas experiências e manifestações, principalmente aquelas construídas por meio das relações estabelecidas com seus pares e não mais como sujeitos passivos, ainda que elas sejam interdependentes dos adultos ou de outros grupos sociais, como, por exemplo, a família, os contextos institucionais de educação e o Estado. (MARTINS FILHO, 2015, p. 9)

Os estudos sobre as crianças a partir de si próprias ainda são recentes, resultam de teorias e pesquisas de diferentes áreas, mas em que todas se remetem à compreensão de que as crianças são participantes ativas na constituição de diferentes contextos socioculturais, assim como também por estes, são constituídas e influenciadas. No sentido aqui apresentado, reconhece-se que as crianças devem ser vistas e ouvidas em suas diferentes manifestações e expressões, valorizadas e reconhecidas em interação com o seu meio.

Nesta compreensão, a abordagem etnográfica apresenta-se como um desafio e uma grande possibilidade de conduzir as pesquisas organizacionais investigativas com crianças, pois nos permite estudarmos a criança a partir de uma convivência prolongada e da participação de suas rotinas na Instituição de Educação Infantil, grupo social a ser pesquisado. A pesquisa etnográfica justifica-se por desenvolver novas abordagens de pesquisa em organizações em relação aos métodos tradicionais, detectando perspectivas e interpretações divergentes ou diferentes para um mesmo fenômeno (JAIME, 2003). A abordagem etnográfica sustenta a ideia de que para investigar as crianças de um contexto, organização ou instituição é preciso estudá-las a partir de si próprias e não de generalizações, modelos universalizantes ou padrões sociais dos adultos. Nessa abordagem reformula-se a postura investigativa com as crianças e perspectiva-se a visão em torno delas como importantes atores sociais e como produtoras e (re)construtoras de cultura, e não meras reprodutoras, rompendo com alguns paradigmas teóricos existentes.

Além do princípio metodológico etnográfico, também estamos buscando referenciais na metodologia fenomenológica. Por que também buscamos este referencial?

A pesquisa fenomenológica se dedica a descrever e interpretar os fenômenos que apresentam à percepção. Para tanto, é necessário trilhar os seguintes passos: descrever, compreender e interpretar. Acreditamos que quanto mais fiéis conseguirmos ser no processo descritivo do que se observa, mais fidedigno poderá ser a percepção do real. Sabemos que todos os olhares, todas as percepções têm um caráter subjetivo, pois percebemos, vemos, o que é significativo aos nossos olhos. No caráter fenomenológico da pesquisa, o pesquisador sempre busca além de olhar o objeto também olhar a si mesmo, analisar o objeto e analisar a si mesmo enquanto sujeito pesquisador e objeto que está se pesquisando ao pesquisar o outro. Considerando esta perspectiva do método, nós, enquanto grupo de pesquisa, decidimos observar os mesmos sujeitos e espaço de pesquisa, avaliando mutuamente os nossos olhares, buscando objetividade na subjetividade.

Avaliamos neste método, que somente é possível realizar um processo de interpretação e explicação dos objetos de pesquisa, depois que tivermos compreendido com mais exatidão os momentos de observação e de manifestação das crianças nas significações educativas. Neste método, não é possível realizar generalizações e universalizações de conceituais, pois sempre são manifestações dos momentos de sujeitos em seu espaço-tempo.

No caráter da subjetividade, nós, enquanto sujeitos pesquisadores e atuantes na educação básica, consideramos a nossa trajetória de vida pessoal e profissional (GIL, 2010, p. 39). Não realizamos uma pesquisa no ponto zero. Por isto, temos a consciência que precisamos olhar para a nossa história pessoal, numa dimensão de retrospectiva, para pensar em algo que possa

ser proposto enquanto nossa atuação como profissionais da educação, numa dimensão de prospecção.

Assim, a opção pela abordagem etnográfica e fenomenológica⁵ consiste em atender às singularidades da realidade social e cultural de uma turma de crianças em uma Instituição de Educação Infantil da Encosta da Serra/RS compreender as manifestações do protagonismo infantil experienciadas no cotidiano da educação infantil. Entendemos que com as contribuições de cada um dos métodos nos será possível termos a abertura para novos olhares, outros olhares de se fazer pesquisa não sobre as crianças, mas com participação ativa das crianças. Ambos os métodos nos conduzem a uma postura de respeito à criança, às suas manifestações, às suas próprias significações. As crianças têm voz, não é preciso conceder-lhes isso. É preciso sim considerar as expressões próprias de ser criança, de estar e perceber o mundo, respeitar suas manifestações e os jeitos peculiares de elaborar sentidos a si mesma, aos outros e ao meio a partir das relações que estabelece com cada elemento.

4 A ESCOLHA DO CAMPO INVESTIGATIVO: Por que um único grupo de crianças?

Para a escolha do campo de pesquisa, observaram-se alguns critérios, sendo eles: os pesquisadores não terem nenhum envolvimento profissional direto e nem relação pessoal com o contexto de pesquisa; a escola de educação infantil ser recém inaugurada, contendo, inclusive, uma equipe de trabalho recentemente constituída, um grupo de crianças recentemente reunido e uma proposta pedagógica em construção; o estabelecimento escolhido atender somente crianças de educação infantil, sendo, assim, uma edificação exclusiva e planejada para este grupo de crianças e de escolaridade; não ter mais de 100 crianças matriculadas no início do primeiro semestre de 2016 e estar localizada na região da Encosta da Serra/RS, num município de porte populacional pequeno.

Na delimitação do grupo etário, considerando os métodos de pesquisa selecionados, optou-se por envolver no estudo as turmas de crianças de 04 e 05 anos. Tal critério se deu pela relação direta com a dimensão da técnica de narrativas, assim como do próprio eixo de investigação. O processo de manifestação das crianças e das experiências significativas, assim como a captação das reações diante de desafios educativos, gerados pelas

⁵ Não é objetivo do deste artigo apresentar as especificidades de cada uma das metodologias, apenas apresentar e justificar a opção metodológica. Os autores apresentam o embasamento metodológico em outro artigo, apresentado no mesmo seminário. O título do artigo é “Protagonismo infantil e reflexividade: caminhos metodológicos e a pessoa do pesquisador”.

intencionalidades pedagógicas, podem ser mais expressivas. Desta maneira, não se optou por outro grupo etário, onde as ações educativas e as experiências pudessem assumir outro caráter e, por vezes, se distanciar da possibilidade de protagonismo. Isto não significa que numa próxima etapa de investigação, se possa direcionar a pesquisa para este grupo de crianças.

Após termos estabelecido os critérios de investigação, realizamos uma pesquisa exploratória com o intuito de identificar um espaço educacional que se aproximasse do que tínhamos definido. Com esse propósito, fizemos contato diretos e indiretos com secretarias de educação da região, buscamos informações formais e informais através dos sites municipais e dos sites de outros órgãos governamentais. Conversamos com estes estudantes do curso de licenciatura do ISEI, buscando informações. Em todos estes contatos e buscas, procuramos informações técnicas condizentes com os critérios.

Com os dados nas mãos, escolhemos a escola e marcamos uma reunião com a equipe gestora da secretaria de educação do município em que se localiza a referida escola. Expomos à equipe gestora o projeto de pesquisa, explicando o objetivo, a pergunta investigadora e o método que seria utilizado. Também firmamos o acordo de que a secretaria de educação ficaria informada dos rumos de nossa pesquisa e também tomaria conhecimento de nossas reflexões e publicações. Na reunião com a equipe gestora, obtivemos a permissão de frequentar a escola e nela realizar a pesquisa. Formalizamos o processo através de uma carta de intenção enviada formalmente à secretaria de educação.

O nosso passo seguinte foi a realização de uma reunião com a equipe gestora da própria escola e com a professora regente da turma a ser observada. Nós fomos apresentados à equipe da escola pela própria equipe gestora da secretaria de educação. A forma transparente e sincera criou, logo de início de ambiente agradável e de plena acolhida. Acreditamos que este processo facilitou a entrada no campo de pesquisa. Considerando, os métodos de pesquisa escolhidos, avaliamos que o ambiente de acolhimento é fundamental para o bom encaminhamento da pesquisa.

Definidos os critérios, chegamos ao contexto investigativo: uma turma composta por 20 crianças, com idade entre 04 e 05 anos, de uma escola de educação infantil recém-constituída, em um município na região da Encosta da Serra/RS. Na perspectiva etnográfica procura-se focar num único grupo de entidade escolar, na qual os pesquisadores não possuem nenhum vínculo e relacionamento profissional e pessoal direto. Apesar de estar focado numa única entidade escolar, poderia se utilizar o método Estudo de Caso, mas não o será contemplado, pois os instrumentos e técnicas aplicados estão relacionados aos métodos anteriormente elucidados. Além disto, os quatro pesquisadores, tendo trajetória, envolvimento profissional e

concepções, em alguns aspectos, distintos, mantendo a unidade teórica, vêm desenvolvendo olhares diferentes sobre as manifestações do fenômeno investigado.

5 CONSIDERAÇÕES

Uma trajetória de pesquisa se faz na construção de um caminho em inacabamento. Um caminho que pode ter diversas possibilidades. Caminhos já trilhados levam a um lugar pré-determinado, construído pelos outros.

Um processo de inacabamento na pesquisa é uma dimensão de se reconstruir permanentemente enquanto pessoa e enquanto profissional da educação. É busca caminhos. É reconfigurar caminhos. É olhar e interpretar quadros e pinturas do cotidiano escolar que foram interpretados por outros olhares, buscando descobrir o sentido do que vê e compreende o significado do que se narrou.

O nosso caminhar na trilha da pesquisa é tentar compreender o significado das manifestações do protagonismo infantil. É colocar-se a caminho para reaprender o sentido de nosso próprio caminhar.

REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel de. **Infantis**. São Paulo: LtYa, 2013 (Biblioteca Manoel de Barros, 18 volumes).

BNCC – Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov/documento/BNCC-APRESENTACAO.pdf> desde setembro de 2015

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. DELGADO, Ana Cristina Coll. Uma etnografia com crianças: grupos geracionais e manifestações culturais das crianças. In: REDIN, Euclides, MÜLLER, Fernanda e REDIN Marita (Org). **Infâncias: Cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007, p. 107-126.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que fazem os bebês no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

JAIME JUNIOR, Pedro. Pesquisa em organizações: por uma abordagem etnográfica. In: **Civitas – Revista de Ciências Sociais**. v.3, n.2, 2003. p. 435-456. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/viewArticle/129>. Acesso em: 04 de maio de 2016.

MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança pede respeito: Ação educativa na creche e pré-escola**. Porto Alegre: Mediação: 2015.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.

